

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

**LIVRO III – As Leis Morais
CAPÍTULO IX – Lei de igualdade**

Índice

Assunto	Origem	Página
I – Igualdade natural	O Livro dos Espíritos	03
A Igualdade diante de Deus	O Consolador	04
A Igualdade Natural	O Consolador	05
II – Desigualdade de aptidões	O Livro dos Espíritos	06
Desigualdade de aptidões	O Consolador	07
III – Desigualdades sociais	O Livro dos Espíritos	08
Desigualdades Sociais	O consolador	09
IV – Desigualdade das riquezas	O Livro dos Espíritos	10
Desigualdade das riquezas	O Consolador	11
V – Provas da riqueza e da miséria	O Livro dos Espíritos	12
Provas da riqueza e da pobreza	O Consolador	13
VI – Igualdade dos direitos do Homem e da mulher	O Livro dos Espíritos	14
Igualdade dos direitos do homem e da mulher	O Consolador	15
VII – Igualdade perante o túmulo	O Livro dos Espíritos	16
Igualdade perante o túmulo	O Consolador	17

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo IX)

**Livro terceiro – As leis morais
Capítulo IX – Lei de igualdade**

I – Igualdade natural

803. Perante Deus, são iguais todos os homens?

“Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez suas leis para todos. Dizeis frequentemente: ‘O Sol luz para todos’ e enunciais assim uma verdade maior e mais geral do que pensais.”

Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza.

Todos nascem igualmente fracos, acham-se sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus a nenhum homem concedeu superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte: todos, aos seus olhos, são iguais.

Crônica e Artigos

364 – 25/05/2014

O Consolador – (Waldenir Aparecido Cuin)

I. Igualdade natural

A igualdade diante de Deus

“Todos os homens são iguais perante Deus?

– Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez as suas leis para todos. Dizeis frequentemente:

‘O sol brilha para todos’ e, com isso, dizeis uma verdade maior e mais geral do que pensais.”

(Questão 803 de O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.)

Fomos criados por Deus na simplicidade e na ignorância, cabendo a cada um seguir o seu caminho, fazendo uso do livre-arbítrio concedido pelas leis universais.

Tendo a liberdade de escolha e a opção de deliberar conforme o nosso desejo, permite Deus, nosso Pai de eterna bondade, que amealhemos as experiências devidas, seguindo na direção das conquistas espirituais que nos farão perfeitos um dia.

As desigualdades que observamos em nosso meio social decorrem, evidentemente, da postura de cada criatura, uma vez que todas são livres para direcionarem suas vidas de conformidade com os interesses e objetivos que traçaram.

A estrutura do Código Divino não permite qualquer privilégio.

Aqueles que se apresentam diante da vida ostentando maiores aptidões e dando amostras de virtudes e qualidades superiores, assim o fazem por terem conquistado, mediante esforços próprios, os requisitos que identificamos.

As desigualdades sociais, tão expressivas no contexto das sociedades terrenas, são fruto direto da forma como cada ser humano aproveita as oportunidades que tem. Uns são capazes de extrair das dificuldades que vivem a motivação para a superação dos obstáculos do caminho, outros, diante da mesma situação, se prostram no comodismo e no desânimo, permanecendo estendidos no solo da inércia.

Boa parte da humanidade, ao invés, de usar a inteligência para o desenvolvimento de recursos que possibilitem a prosperidade geral, o que criaria oportunidade de progresso a todos, ainda exercita a intelectualidade, buscando apenas o atendimento de interesses particulares.

Fato idêntico podemos observar quanto à distribuição das riquezas. Muitos homens ainda dotados de caráter infeliz são capazes de movimentar os recursos materiais de forma a impedir que outros tantos tenham acesso ao necessário. Manipulam as riquezas objetivando apenas o bem-estar de alguns, em detrimento da necessidade dos demais.

Não fosse a cultura do egoísmo e do orgulho, da ambição desmedida e da avareza, essas chagas que comprometem a sociedade, criando todo tipo de prejuízo social possível, por certo, viveríamos na Terra em condições bem mais humanas, serenas e tranquilas.

O problema, obviamente, não está na origem das coisas, quando Deus instituiu o seu Código de Amor e Justiça, mas na interpretação humana dessas leis divinas, fato que tem gerado as desigualdades em todos os níveis terrenos.

Atribuir, agora, a Deus, o caos em que viemos é dar inequívocas amostras da nossa imaturidade diante da vida. É procurar justificar a nossa incapacidade de conviver socialmente, alegando falhas nas estruturas divinas.

Ninguém vive desamparado ao ponto de não contar com os recursos necessários ao seu progresso nem, tampouco, privilegiado de tal maneira que esteja dispensado dos esforços devidos ao aprimoramento que deva realizar.

Estamos mergulhados no pensamento divino, busquemos, então, o que é justo, correto, humano e digno, e tudo ao nosso redor seguirá o roteiro da igualdade.

Reflitamos.

Igualdade Natural

Aos olhos de Deus todos os seus filhos são iguais

1. Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza. Todos nascem igualmente fracos, acham-se sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus a ninguém concedeu superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte. Todos os seus filhos são iguais aos seus olhos.

2. Ensinam os Espíritos Superiores que Deus não tolera distinções de linhagem familiar, não confere honrarias extemporâneas, nem favorece com privilégios qualquer de suas criaturas, mas proporciona a todos idênticas e incessantes oportunidades.

3. O Criador coloca, em estado latente, o mesmo poder, a mesma sabedoria e os mesmos estímulos evolutivos para todas as suas criaturas, no longo e fastidioso percurso que elas têm de trilhar com vistas à perfeição.

4. Atentos a estas considerações é que podemos perceber o sentido correto da lei de igualdade no seu aspecto natural, em contraposição à pretendida igualdade sócio-econômica, frequentemente artificial na vida de relação dos Espíritos encarnados.

O Pai não concede privilégios a ninguém

5. Sendo todos da mesma essência divina e criados para os mesmos gloriosos destinos, o gênero humano constitui uma única família. É por isso que todos os homens se encontram sujeitos às mesmas leis.

6. O Pai Eterno não concede privilégios a ninguém. Se há sofrendores e felizes em nosso planeta, isso não se dá em razão das preferências divinas, mas por força do mau ou do bom uso do livre-arbítrio dos seus habitantes.

7. Fomos criados simples e ignorantes, porém destinados à perfeição. Se ao longo de nossa trajetória evolutiva falimos ou nos elevamos, isso se dá por força de nossa livre vontade. As desigualdades sociais existentes são produto das opções voluntárias dos homens, e não de um capricho particular do Criador.

8. As aptidões humanas, tão diversas, resultam igualmente da variedade de experiências vividas nas múltiplas encarnações, porque, em razão do livre-arbítrio, cada indivíduo decide qual o caminho a seguir. Os Espíritos foram criados iguais uns aos outros, mas cada um deles vive há mais ou menos tempo e, conseqüentemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença existente entre eles funda-se, pois, na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que obraram.

II – Desigualdade de aptidões

804. Por que não outorgou Deus as mesmas aptidões a todos os homens?

“Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um destes vive há mais ou menos tempo, e, conseguintemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que obram, vontade que é o livre-arbítrio. Daí o se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas. Necessária é a variedade das aptidões, a fim de que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais.

O que um não faz, fá-lo outro. Assim é que cada qual tem seu papel útil a desempenhar. Demais, sendo *solidários entre si todos os mundos*, necessário se torna que os habitantes dos mundos superiores, que, na sua maioria, foram criados antes do vosso, venham habitá-lo, para vos dar o exemplo.” (361)

805. Passando de um mundo superior a outro inferior, conserva o Espírito, integralmente, as faculdades adquiridas?

“Sim, já temos dito que o Espírito que progrediu não retrocede. Poderá escolher, no estado de Espírito livre, um invólucro mais grosseiro, ou posição mais precária do que as que já teve, porém tudo isso para lhe servir de ensinamento e ajudá-lo a progredir.” (180)

Assim, a diversidade das aptidões entre os homens não deriva da natureza íntima da sua criação, mas do grau de aperfeiçoamento a que tenham chegado os Espíritos encarnados neles.

Deus, portanto, não criou faculdades desiguais; permitiu, porém, que os Espíritos em graus diversos de desenvolvimento estivessem em contacto, para que os mais adiantados pudessem auxiliar o progresso dos mais atrasados e também para que os homens, necessitando uns dos outros, compreendessem a lei de caridade que os deve unir.

Desigualdade de aptidões

A diversidade das aptidões é um meio propulsor do progresso

9. Como uns se aperfeiçoam mais rapidamente do que os outros, resultam daí para eles aptidões diversas. Mas a variedade das aptidões permite que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais.

O que um não faz, faz o outro, de forma que todos têm um papel útil a desempenhar na comunidade em que vivem.

A diversidade das aptidões, ao contrário da uniformidade, constitui, pois, um meio propulsor do progresso, visto que cada homem contribui para a obra coletiva com sua parcela de conhecimento.

10. As dessemelhanças que os Espíritos apresentam, quer em inteligência, quer em moralidade, não derivam, portanto, de sua natureza íntima.

Resultam apenas do fato de haverem sido criados há mais ou menos tempo e do maior aproveitamento desse tempo no desenvolvimento das aptidões e virtudes que lhes são intrínsecas.

11. As desigualdades naturais das aptidões humanas são os degraus das múltiplas experiências que nos conduzirão aos mundos superiores e que nos propiciarão implantar o reino de Deus na Terra.

Essas diferenças constituem os agentes do progresso e preenchem uma necessidade inapreciável, na economia da evolução, favorecendo-a, por mais que existam pessoas que as detestem.

Tais diferenças, todavia, subsistirão enquanto tenham razão de ser e, enquanto subsistirem, satisfarão a uma necessidade da própria Natureza, favorecendo o progresso humano.

Um dia em nosso mundo ninguém mais precisará mendigar

12. É provável que no estágio atual da nossa civilização nem todos os homens estejam exercendo a ocupação adequada às suas aptidões naturais.

13. Quando, porém, o egoísmo e o orgulho deixarem de ser os sentimentos predominantes na Terra e compreendermos que somos todos irmãos, amando-nos realmente uns aos outros, como preceitua o Cristo, todo o homem de boa vontade achará ocupação adequada às suas aptidões, que lhe garanta o mínimo necessário a uma existência compatível com a dignidade humana.

14. Um dia esse estado de coisas será realidade em nosso mundo.

Então os homens que não mais puderem manter-se em atividade, seja por doença, seja por velhice, terão a seu favor o amparo da lei, sem lhes ser preciso humilhar-se recorrendo à caridade pública.

III – Desigualdade sociais

806. É lei da natureza a desigualdade das condições sociais?

“Não; é obra do homem e não de Deus.”

a) — Algum dia essa desigualdade desaparecerá?

“Eternas somente as leis de Deus o são. Não vêes que dia a dia ela gradualmente se apaga? Desaparecerá quando o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar. Restará apenas a desigualdade do merecimento. Dia virá em que os membros da grande família dos filhos de Deus deixarão de considerar-se como de sangue mais ou menos puro. Só o Espírito é mais ou menos puro e isso não depende da posição social.”

807. Que se deve pensar dos que abusam da superioridade de suas posições sociais, para, em proveito próprio, oprimir os fracos?

“Merecem anátema! Ai deles! Serão, a seu turno, oprimidos: renascerão numa existência em que terão de sofrer tudo o que tiverem feito sofrer aos outros.” (684)

Desigualdades Sociais

As desigualdades sociais não são obra de Deus, mas do homem

1. As desigualdades sociais, provenientes das mais variadas condições econômicas e espirituais dos vários povos da Terra, são sempre obra dos homens e não de Deus.

O Pai criou os Espíritos iguais e destinados ao mesmo fim, mas os homens, por força das imperfeições morais que ainda possuem, estatuíram leis – muitas delas injustas e até mesmo, cruéis – para regular as relações em sociedade.

2. Como conseqüência dessas leis, surgiram muitas desigualdades, que são mais ou menos acentuadas em determinadas nações, conforme o grau evolutivo dos seus componentes.

3. O progresso segue, no entanto, o seu curso ascendente e por isso a desigualdade social, como tudo o que é inferior, dia a dia se atenua, até que se apague em definitivo, quando o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar na Terra.

4. Restará, então, em nosso mundo tão-somente a desigualdade do mérito, porquanto dia virá em que os membros da grande família universal deixarão de considerar-se como de sangue mais ou menos puro e entenderão, enfim, que apenas o Espírito pode ser mais ou menos puro, mas isso não depende da posição social.

A abolição das desigualdades não se fará de repente

5. Ninguém pense, porém, que as desigualdades desaparecerão de repente e serão o resultado de revoluções, de guerras, de leis ou de decretos.

Não. Sua abolição se fará de modo lento e gradual, de acordo com o ritmo dos esforços individuais e coletivos e como conseqüência do progresso moral alcançado pela Humanidade, o que levará à destruição dos privilégios de casta, de sangue, de posição social, de sexo, de raça, de religião e de quaisquer outros.

6. Compreendamos também que com o banimento das desigualdades sociais não se verificará na Terra um processo de uniformização dos homens.

A espécie humana não se transformará em máquina, a sociedade terrena não se tornará um sistema robotizado.

Os homens é que passarão a orientar-se pelas leis divinas, a fim de que seus pendores naturais possam desabrochar e desenvolver-se normalmente, sem nenhuma atitude de coerção por parte de quem quer que seja.

7. Haverá, evidentemente, quem ocupe cargos de maiores ou de menores responsabilidades, mas, com o adiantamento espiritual, os homens não sofrerão os males do egoísmo, da inveja, do orgulho e do preconceito.

IV – Desigualdade das riquezas

808. A desigualdade das riquezas não se originará da das faculdades, em virtude da qual uns dispõem de mais meios de adquirir bens do que outros?

“Sim e não. Da velhacaria e do roubo, que dizes?”

a) — Mas, a riqueza herdada, essa não é fruto de paixões más.

“Que sabes a esse respeito? Busca a fonte de tal riqueza e verás que nem sempre é pura. Sabes, porventura, se não se originou de uma espoliação ou de uma injustiça? Mesmo, porém, sem falar da origem, que pode ser má, acreditas que a cobiça da riqueza, ainda quando bem adquirida, os desejos secretos de possuí-la o mais depressa possível, sejam sentimentos louváveis? Isso o que Deus julga e eu te asseguro que o seu juízo é mais severo que o dos homens.”

809. Aos que, mais tarde, herdaram uma riqueza inicialmente mal adquirida, alguma responsabilidade cabe por esse fato?

“É fora de dúvida que não são responsáveis pelo mal que outros hajam feito, sobretudo se o ignoram, como é possível que aconteça. Mas, fica sabendo que, muitas vezes, a riqueza só vem ter às mãos de um homem, para lhe proporcionar ensejo de reparar uma injustiça. Feliz dele, se assim o compreende! Se a fizer em nome daquele que cometeu a injustiça, a ambos será a reparação levada em conta, porquanto, não raro, é este último quem a provoca.”

810. Sem quebra da legalidade, quem quer que seja pode dispor de seus bens de modo mais ou menos equitativo.

Aquele que assim proceder será responsável, depois da morte, pelas disposições que haja tomado?

“Toda ação produz seus frutos; doces são os das boas ações, amargos sempre os das outras. Sempre, entendi-o bem.”

811. Será possível e já terá existido a igualdade absoluta das riquezas?

“Não; nem é possível. A isso se opõe a diversidade das faculdades e dos caracteres.”

A) — Há, no entanto, homens que julgam ser esse o remédio aos males da sociedade. Que pensais a respeito?

“São sistemáticos esses tais, ou ambiciosos cheios de inveja. Não compreendem que a igualdade com que sonham seria a curto prazo desfeita pela força das coisas. Combatei o egoísmo, que é a vossa chaga social, e não corrais atrás de quimeras.”

812. Por não ser possível a igualdade das riquezas, o mesmo se dará com o bem-estar?

“Não, mas o bem-estar é relativo e todos poderiam dele gozar, se se entendessem convenientemente, porque o verdadeiro bem-estar consiste em cada um empregar o seu tempo como lhe apraza e não na execução de trabalhos pelos quais nenhum gosto sente. Como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer. Em tudo existe o equilíbrio; o homem é quem o perturba.”

A) — Será possível que todos se entendam?

“Os homens se entenderão quando praticarem a lei de justiça.”

813. Há pessoas que, por culpa sua, caem na miséria.

Nenhuma responsabilidade caberá disso à sociedade?

“Mas, certamente. Já dissemos que a sociedade é muitas vezes a principal culpada de semelhante coisa. De mais, não tem ela que velar pela educação moral dos seus membros?

Quase sempre, é a má-educação que lhes falseia o critério, ao invés, de sufocar-lhes as tendências perniciosas.” (685)

A igualdade das riquezas traria consequências danosas

1. A igualdade das riquezas, ensinam os Espíritos Superiores, não é possível no mundo em que vivemos porque a isso se opõe a diversidade das faculdades e dos caracteres.

Os homens não são criaturas iguais.

Há entre eles os que são mais previdentes, mais inteligentes e mais ativos.

Logo, se a riqueza fosse repartida com igualdade entre todos, o equilíbrio em pouco tempo estaria desfeito.

2. Admitindo, porém, por hipótese, que essa repartição fosse possível e o equilíbrio não se rompesse, duas consequências danosas para o progresso da Humanidade seriam inevitáveis.

3. Com efeito, tendo cada um somente o suficiente para viver, tornar-se-ia inviável a realização de todos os grandes trabalhos que requerem a alocação de recursos vultosos.

Além disso, admitido que a divisão da riqueza desse a cada um o necessário, não existiria mais o aguilhão que impele os homens às descobertas e aos empreendimentos úteis.

Se Deus a concentra em certos pontos, é para que daí se expanda e ajude no progresso e bem-estar de todos.

V – Provas da riqueza e da miséria

814. Por que Deus a uns concedeu as riquezas e o poder, e a outros, a miséria?

“Para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com freqüência.”

815. Qual das duas provas é mais terrível para o homem, a da desgraça ou a da riqueza?

“São no tanto uma quanto outra. A miséria provoca as queixas contra a Providência, a riqueza incita a todos os excessos.”

816. Estando o rico sujeito a maiores tentações, também não dispõe, por outro lado, de mais meios de fazer o bem?

“Mas, é justamente o que nem sempre faz. Torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Com a riqueza, suas necessidades aumentam e ele nunca julga possuir o bastante para si unicamente.”

A alta posição do homem neste mundo e o ter autoridade sobre os seus semelhantes são provas tão grandes e tão escorregadias como a desgraça, porque, quanto mais rico e poderoso é ele, tanto mais, obrigações tem que cumprir e tanto mais abundantes são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo emprego que dá aos seus bens e ao seu poder.

A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual. Por isso foi que Jesus disse: “Em verdade vos digo que mais fácil é passar um camelo por um fundo de agulha do que entrar um rico no reino dos céus.” (266)

Riqueza e pobreza são provas muito difíceis

4. Riqueza e pobreza nada mais são que provas, pelas quais o Espírito necessita passar, tendo em vista um objetivo mais alto, que é o seu progresso. Deus concede, pois, a uns a prova da riqueza, e a outros a da pobreza, para experimentá-los de modos diferentes. Aliás, essas provas são, com frequência, escolhidas pelos próprios Espíritos, que, no entanto, nelas geralmente sucumbem.

5. Tanto uma quanto outra são, portanto, provas muito difíceis, porque se na pobreza o Espírito pode ser tentado à revolta e à blasfêmia contra o Criador, na riqueza expõe-se ele ao abuso dos bens que Deus lhe empresta, deturpando-lhe os augustos objetivos.

6. Espíritos realmente evoluídos, tanto quanto os que compreendem perfeitamente o significado a Lei de Causa e Efeitos, podem solicitar a prova da pobreza como oportunidade para o acrisolamento de qualidades ou a realização de certas tarefas que a riqueza certamente prejudicaria. Algumas vezes, também, o mau uso da fortuna em precedente existência leva o Espírito a pedir a condição oposta, com o que espera reparar abusos cometidos e pôr-se a salvo de novas tentações.

7. A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação. A riqueza é, para os que a usufruem, a prova da caridade e da abnegação. É preciso que entendamos sempre: a existência corpórea é passageira e a morte do corpo priva o homem de todos os recursos materiais de que eventualmente disponha no plano terráqueo. Pobres e ricos voltam, portanto, à vida espiritual em idênticas condições, o que mostra que a condição de rico e a condição de pobre não passam de expressões transitórias.

A riqueza é poderoso instrumento de progresso

8. Nenhuma das provas citadas constitui, no entanto, obstáculo à chamada salvação. Se fosse assim, Deus, que as concede, teria dado a seus filhos um instrumento de perdição, idéia que repugna à razão. No tocante à riqueza, é fácil perceber que, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce, constitui ela uma prova muito arriscada e até mais perigosa que a miséria.

9. Certamente é a esse perigo que Jesus se referia quando disse: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus”, frase registrada por Mateus, Lucas e Marcos. O Mestre fazia alusão bastante clara aos males e às tentações a que a riqueza pode conduzir o homem desprevenido, mas é um erro deduzir de suas palavras que ao rico esteja vedado o acesso à salvação, isto é, valendo-nos dos conceitos espíritas, à ascensão a planos evolutivos mais elevados.

10. Se a riqueza somente males houvesse de produzir, Deus não a teria outorgado aos homens. Mas, longe disso, a riqueza, se não constitui elemento direto de progresso moral, é, sem contestação, poderoso elemento de progresso intelectual.

11. Com ela pode o homem melhorar a situação material do mundo em que vive, ampliar a produção de bens, criar maiores e melhores recursos sociais por meio do estudo, da pesquisa e do trabalho. Eis aí o motivo pelo qual é considerada elemento de progresso. Se o indivíduo que a detém se torna egoísta, orgulhoso e insaciável, e a desvia do seu objetivo providencial, prestará contas de seus atos ante a Justiça Divina, enquanto outros terão, por sua vez, oportunidade de fruí-la e provar, por suas atitudes, que é possível vencer essa difícil prova.

VI – Igualdade dos direitos do homem e da mulher

817. São iguais perante Deus o homem e a mulher e têm os mesmos direitos?

“Não outorgou Deus a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?”

818. Donde provém a inferioridade moral da mulher em certos países?

“Do predomínio injusto e cruel que sobre ela assumiu o homem. É resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre homens moralmente pouco adiantados, a força faz o direito.”

819. Com que fim mais fraca fisicamente do que o homem é a mulher?

“Para lhe determinar funções especiais. Ao homem, por ser o mais forte, os trabalhos rudes; à mulher, os trabalhos leves; a ambos o dever de se ajudarem mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargor.”

820. A fraqueza física da mulher não a coloca naturalmente sob a dependência do homem?

“Deus a uns deu a força, para protegerem o fraco e não para o escravizarem.”

Deus apropriou a organização de cada ser às funções que lhe cumpre desempenhar. Tendo dado à mulher menor força física, deu-lhe ao mesmo tempo maior sensibilidade, em relação com a delicadeza das funções maternas e com a fraqueza dos seres confiados aos seus cuidados.

821. As funções a que a mulher é destinada pela Natureza terão importância tão grande quanto as deferidas ao homem?

“Sim, maior até. É ela quem lhe dá as primeiras noções da vida.”

822. Sendo iguais perante a lei de Deus, devem os homens ser iguais também perante as leis humanas?

“O primeiro princípio de justiça é este: Não façais aos outros o que não quereríeis que vos fizessem.”

A) — Assim sendo, uma legislação, para ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher?

“Dos direitos, sim; das funções, não. Preciso é que cada um esteja no lugar que lhe compete. Ocupe-se do exterior o homem e do interior a mulher, cada um de acordo com a sua aptidão. A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização.

Sua escravização marcha de par com a barbaria. Os sexos, além disso, só existem na organização física. Visto que os Espíritos podem encarnar num e noutro, sob esse aspecto nenhuma diferença há entre eles. Devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos.”

Igualdade de direitos do homem e da mulher

O homem e a mulher gozam, aos olhos de Deus, dos mesmos direitos

8. Em uma sociedade moralizada, não se compreenderá a diferença de tratamento, ainda tão comum, que se observa entre o homem e a mulher, porque todos entenderão que, perante os códigos divinos, ambos possuem os mesmos direitos e que a diferença dos sexos existe por força da necessidade de experiências específicas pelas quais o Espírito precisa e deve passar.

9. O Espírito – ensina o Espiritismo – não possui sexo, do modo como entendemos esse vocábulo em nosso plano. É por isso que, embora as funções do homem e da mulher sejam diferentes e específicas, seus direitos são exatamente os mesmos e todo privilégio concedido a um ou a outro é contrário à lei de justiça.

10. A lei humana deve, pois, para ser equitativa, consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher, cientes todos nós de que a emancipação feminina acompanha o progresso geral da civilização, e sua escravização marcha de par com a barbárie. Sexos existem apenas na organização física. Os Espíritos encarnam-se num e noutro e devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos.

A desigualdade social é o mais elevado testemunho da realidade da reencarnação

11. As funções, evidentemente, resultam das aptidões próprias de cada gênero. Por exemplo, só a mulher pode ser mãe e amamentar uma criança. Preciso é, pois, que cada um esteja no lugar que lhe compete. O homem e a mulher são, no instituto conjugal, como o cérebro e o coração do organismo doméstico, e essa diversidade de funções verifica-se por necessidade de planificação reencarnatória.

12. São um e outro, portadores de uma responsabilidade igual no sagrado colégio familiar. Se a alma feminina apresentou sempre um coeficiente mais avançado de espiritualidade na vida, é que, desde cedo, o Espírito masculino intoxicou as fontes da sua liberdade por meio de todos os abusos, prejudicando a sua posição moral no decurso de existências numerosas, em múltiplas experiências seculares. A ideologia feminista dos tempos modernos, com suas diversas bandeiras políticas e sociais, pode ser, segundo Emmanuel, um veneno para a mulher desavisada dos seus grandes deveres espirituais na face da Terra.

13. A desigualdade social é o mais elevado testemunho da realidade da reencarnação, mediante a qual cada Espírito tem sua posição definida de regeneração e resgate. Pobreza, miséria, guerras, ignorância e tantas outras calamidades coletivas não passam de enfermidades do organismo social, em razão da situação de prova da quase generalidade dos seus membros. Cessada a causa patogênica com a iluminação espiritual de todos em Jesus Cristo, a moléstia coletiva, assevera Emmanuel, estará, obviamente, eliminada dos ambientes humanos.

VII – Igualdade perante o túmulo

823. Onde nasce o desejo que o homem sente de perpetuar sua memória por meio de monumentos fúnebres?

“Último ato de orgulho.”

a) — Mas a suntuosidade dos monumentos fúnebres não é antes devida, as mais das vezes, aos parentes do defunto, que lhe querem honrar a memória, do que ao próprio defunto?

“Orgulho dos parentes, desejosos de se glorificarem a si mesmos. Oh! Sim, nem sempre é pelo morto que se fazem todas essas demonstrações. Elas são feitas por amor-próprio e para o mundo, bem como por ostentação de riqueza.

Supões, porventura, que a lembrança de um ser querido dure menos no coração do pobre, que não lhe pode colocar sobre o túmulo senão uma singela flor? Supões que o mármore salva do esquecimento aquele que na Terra foi inútil?”

824. Reprovais então, de modo absoluto, a pompa dos funerais?

“Não; quando se tenha em vista honrar a memória de um homem de bem, é justo e de bom exemplo.”

O túmulo é o ponto de reunião de todos os homens. Aí terminam inelutavelmente todas as distinções humanas. Em vão tenta o rico perpetuar a sua memória, mandando erigir faustosos monumentos. O tempo os destruirá, como lhe consumirá o corpo.

Assim o quer a Natureza. Menos perecível do que o seu túmulo será a lembrança de suas ações boas e más. A pompa dos funerais não o limpará das suas torpezas, nem o fará subir um degrau que seja na hierarquia espiritual. (320 e seguintes).

Igualdade perante o túmulo

Cap. XV – (item 8)

8. Enquanto a máxima – **Fora da caridade não há salvação**

– assenta num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à suprema felicidade, o dogma – Fora da Igreja não há salvação – se estriba, não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, porém numa fé especial, em dogmas particulares; é exclusivo e absoluto.

Longe de unir os filhos de Deus, separa-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e sanciona a irritação entre sectários dos diferentes cultos que reciprocamente se consideram malditos na eternidade, embora sejam parentes e amigos esses sectários.

Desprezando a grande lei de **igualdade perante o túmulo**, ele os afasta uns dos outros, até no campo do repouso.

A máxima – Fora da caridade não há salvação consagra o princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência.

Tendo-a por norma, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira por que adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros.

Com o dogma – Fora da Igreja não há salvação, anatematizam-se e se perseguem reciprocamente, vivem como inimigos; o pai não pede pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, desde que mutuamente se consideram condenados sem remissão. É, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

Segundo os Espíritos Superiores, o desejo de perpetuar a própria memória nos monumentos fúnebres, ou honrar o falecido é originado pelo orgulho. Os familiares também fazem por ostentação e exibição de riqueza perante aqueles menos afortunados.

“Todo aquele, pois que se humilhar e se fizer pequeno como esse menino será o maior no Reino dos Céus”

(Mateus cap. XVIII; 1-5)

Se o Cristo prometeu aos pobres o Reino dos Céus, foi porque os grandes da Terra imaginavam que os títulos e as riquezas terrenas eram a recompensa de seus méritos, e sua essência era mais pura que a do pobre.

Deus estabeleceu alguma distinção entre o invólucro do pobre e do rico?

O Criador não criou duas espécies de homens. Tudo o que Deus faz é grande e sábio.

“Porque quem se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado”

(Lucas cap. XIV; 1, 7-11)

“A tumba é o lugar de encontro de todos os homens, nela se findam impiedosamente todas as distinções humanas.” (LE, 824).

A evidenciar que as lembranças das boas ações farão parte da nossa bagagem espiritual não tendo relevância as pompas do funeral, pois não nos acrescenta nenhum mérito na escala evolutiva.